

PEQUENAS VOZES E GRANDES SONHOS: CULTIVANDO OS SABERES DA RUA NA ESCOLA

Small voices and big dreams: cultivating street knowledge at school

Bruna Costa Ferreira da Silva

Educação Física (licenciatura) – Universidade Federal de São João del-Rei
Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-1455-5360>
brunasilva@aluno.ufsj.edu.br

Reinaldo Juliano Oliveira Gualberto

Educação Física (licenciatura) - Universidade Federal de São João del-Rei
Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-2688-4308>
reinaldo12juliano@gmail.com

Ricardo Ducatti Colpas

Universidade Federal de São João del-Rei
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7116-4481>
ricardo@ufsj.edu.br

Artigo recebido em jun/2024 e aceito em jul/2024

RESUMO

Esta experiência pedagógica foi realizada na escola Professor Iago Pimentel em São João Del-Rei com os alunos do 5º ano integral, em uma parceria com o Lapin no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) coordenado pelo professor, Dr. Ricardo Ducatti Colpas. O objeto de interesse principal foi a exploração dos saberes que se constroem nas ruas das periferias e locais mais pobres e isolados da cidade e como isso se relaciona com o ensino da Educação Física escolar. A partir disso, foi desenvolvido um planejamento de aulas de acordo com o que as crianças trazem das ruas e de outros lugares para a escola e tudo aquilo que elas produzem, reproduzem e compartilham em termos de cultura e, que inconscientemente contribuem para que esta rede de saberes se preserve. Após esta etapa foi gravado um o documentário pareado com as execuções das aulas com o objetivo de mostrar um pouco mais a respeito do mundo dos alunos e alunas, explorando o drama e a beleza que é vivenciar as crianças desenvolvendo a cultura de suas periferias durante essa fase crucial da infância e da experiência escolar. Foi usado para este quadro uma frase que surgiu no processo de criação: “a criança que não tem nada, brinca!”. Além de evidenciarmos que transformar algo que a criança carrega como cultura de movimento, em didática é necessário e preciso na educação dos dias de hoje.

Palavras-chave: cultura; periferia; educação física escolar, se-movimentar

ABSTRACT

This pedagogical experience took place at Professor Iago Pimentel School with the students of the 5th grade, in partnership with Lapin/Pibid coordinated by professor Ricardo Ducati, focusing on exploring the knowledge from the streets that relate to school Physical Education. From this, a documentary was developed with the aim of demonstrating the student’s world, on what goes in their minds during this crucial phase of childhood/school, and how they unconsciously reproduce a local culture that is extremely important to them and to future generations.

Keywords: Culture; Ghetto; Movement

1. INTRODUÇÃO

Inicialmente gostaríamos de destacar, que esse trabalho foi uma experiência realizada no PIBID 2022/2024, sua realização só foi possível graças ao financiamento e acompanhamento da CAPES.

Durante o decorrer do Projeto Pibid 2023/4, foi iniciada a intervenção “Pequenas vozes, grandes sonhos: cultivando saberes das ruas nas escolas” na Escola Estadual Professor Iago Pimentel, protagonizada pelos alunos da Universidade Federal de São João del-Rei, curso de Educação Física/Licenciatura do 5º período, Bruna Costa Ferreira da Silva e Reinaldo Juliano Oliveira Gualberto, e os professores, Ricardo Ducatti Colpas, coordenador do Pibid e professor de Educação Física da UFSJ, e a professora Jamille dos Santos Lima Carvalho, supervisora e professora de Educação Física da escola.

Pode-se dizer que esta intervenção começou antes de darmos início à ideia central. Assim que a escola nos recebeu e as etapas do projeto foram se desenvolvendo, as ações de observação já começaram a ser realizadas. Nesse momento de observações iniciais despertava nossa atenção o modo como as crianças se comportavam e agiam umas nas presenças das outras; o que e como os corpos se expressavam, como eles se movimentavam, como se comportavam em um ambiente onde há uma energia para o compartilhar; e o que revelam como saberes próprios. Tendo em vista esta fase de estudos, analisamos e depois verificamos, que desde o início do projeto, mesmo nos relacionando e trabalhando com as mesmas crianças, as conhecemos pouco. Muitas das vezes ignoramos os sinais que seus corpos apontam, sobre o novo, sobre o que elas querem expressar e o que seus corpos captam e recriam do mundo exterior. Quando excluímos as experiências dos alunos e invisibilizamos suas capacidades e saberes culturais, criamos uma brecha no ensino por impedir que eles integrem o processo educacional com vistas a completar com seus conhecimentos, o conhecimento do professor.

Cada criança constrói maneiras de brincar e se desenvolver nas ruas e no mundo exterior e o currículo escolar desta escola na qual intervimos não as incentiva a compartilhar seus saberes e curiosidades. Sendo assim, era hora de abrir uma janela para que elas pudessem se integrar em nossa prática de ensino, e, mais do que se integrar, converterem-se em autores dessa prática, falar sobre como elas se sentem, quais são seus sonhos, seus medos. Era o momento de permitir que elas ensinassem para nós como devemos ensiná-las! E nosso desejo era que tudo fosse registrado pelas câmeras para que ao final da intervenção mostrássemos para as crianças como elas agregam e completam o ambiente escolar e como dessa forma contribuem para que a cultura do brincar na rua e seus próprios saberes se perpetuem, e sirvam de exemplo para as novas gerações, para que essa ciência de criar e questionar não morra aos poucos pela falta de recursos e incentivo e de pessoas.



Figura 1 – 1 de dez de 2023, atividade final do projeto, 2.1
Fonte: autores.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nessa intervenção do Pibid/Educação Física adotamos como referencial teórico e fonte de estudos para o planejamento e estruturação das aulas e observações realizadas na escola, a concepção filosófica o autor Paulo Freire, bem como sua proposta educacional e as indicações da pedagogia crítico libertadora, principalmente, no contexto da educação física que necessita superar o hegemonismo tecnicista, a influência da visão social neoliberal, que reduz a saúde e as práticas esportivas e brincantes a dimensão individualista da vida, descarta a vitalidade das relações coletivas e os direitos sociais básicos. Isso sugere que a disciplina educação física precisa transcender a visão estreita do corpo como uma mera ferramenta de produtividade ou saúde individual e reconhecer seu papel na formação de cidadãos críticos e conscientes de suas realidades sociais. Ligamos de imediato que a fase inicial do aprendizado como na educação infantil e ensino fundamental são fases cruciais para que os alunos se entendam como corpos que raciocinam e agregam para a educação nas escolas e composição do mundo. Sendo assim, a educação libertadora e problematizadora, que contesta todas as formas bancárias, mecânicas e não dialógicas de ensinar e de aprender, necessita partir do homem como corpo consciente. Nas palavras de Freire (1987, p. 38):

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada no mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

Na esteira de Paulo Freire, fundamenta esse artigo o autor, Tarcísio Mauro Vago (2009, p. 28). Sua obra amplia nossa compreensão do que realizamos nesse trabalho quando destaca que:

A escola é um lugar situado entre *as* culturas porque estabelece relações com outros lugares em que os humanos produzem suas culturas – nas ruas, nas praças, nos pertencimentos religiosos, na política, nas tantas manifestações artísticas, por exemplo.

Quando pensamos em um planejamento escolar das comunidades e periferias para crianças do ensino fundamental, estamos lidando diretamente com uma vertente de ensino que tem um peso considerável em relação a cultura local e a educação. Trata-se de seres humanos que ingressaram em um mundo que tem uma identidade fortíssima: as ruas das comunidades, que desde cedo influenciam no crescimento e desenvolvimento das crianças e em seu comportamento, e suas ações dentro das escolas refletem a todo momento o que elas vivem neste lugar. A infância das mesmas vem carregada com um conhecimento da brincadeira e jogo que muitas das vezes é anulado pelas escolas. Analogamente com o pensamento de Vina Di Carvalho (2023, p.12):

Depois de tanto tempo funcionando como uma arma de estruturação do corpo colonizado, talvez esteja mais do que na hora de reanimar na educação física os fazeres e saberes que se comprometam com movimentos de aproximação de corpos consigo e com outros, a fim de superar o distanciamento progressivo que tem resistido até aos fins dos tempos.

Como quebrar o muro entre a cultura da vida nas comunidades e o conteúdo escolar na Educação Física? Pensar na infância das crianças das comunidades é pensar em como elas constroem de sua forma e com o que tem, a brincadeira. É refletir sobre: aquele que nada tem, brinca - apenas com seus saberes, sua criatividade, criar a cena e fazer acontecer -. Nesse momento de prestar atenção nessa construção pessoal de cada criança, abrimos uma brecha para ouvir as mesmas, considerando e legitimando aquilo que elas reproduzem, afirmando que tudo que elas trazem da rua para dentro da escola é conteúdo didático, porém só não tem a atenção devida. O pensamento da escritora Bell Hooks no livro *Ensinando a transgredir* (2013) afirma o ponto de vista que tanto nós professores e futuros professores quanto os alunos temos que ser participantes ativos na sala de aula, não consumidores passivos, contribuindo o tempo todo para um ensino de diálogo e partilha.

Quando a educação é prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá, se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos (BELL HOOKS, 2013, p. 35).

Geralmente é imposto às crianças que se quietem, quando se mostram agitadas brincando de algo por exemplo no recreio, ou na própria educação física quando se dispersam dos professores, e claro, os docentes podam instantaneamente como se aquilo que elas estão fazendo não coubesse no âmbito escolar e, nesse momento, impede-se que as crianças sejam elas mesmas, anula-se sua

criatividade. Existe uma mediocridade no contexto da educação, principalmente nos ensinamentos iniciais, no qual os discentes estão inseridos, com uma ideia de que as crianças têm que ficar quietas a todo momento, apenas ouvir e reproduzir da mesma forma, igual, sem interrupções, sem dúvidas, um aspecto semelhante à educação totalitária, e neoliberal que se impõe pela ordem. Crianças brincam a todo momento, elas criam em suas mentes, reproduzem, dialogam entre si, vivem intensamente aproveitando tudo que lhes foi ensinado, questionando e recriando a visão de mundo que aprenderam até então.

2.1. Desenvolvimento

No decorrer do processo de avaliação e observação dos alunos foram abertas oportunidades para as intervenções, e foi neste momento que nos questionamos em como transformar aquilo que as crianças nos apresentam, em didática.

No planejamento foi decidido pela elaboração e desenvolvimento de uma sequência de aulas com as atividades selecionadas e embasadas no material coletado durante as observações dos movimentos das crianças na escola. Tudo que os alunos realizavam era anotado, discutido e questionado. Neste momento das análises começamos a ver o que as crianças estavam nos mostrando, as quais foram organizadas em tópicos.

- No recreio e espaços das aulas, os alunos que se sentiam entediados se soltavam e dançavam junto aos seus colegas, e em quase todas as ocasiões prevaleciam os funks “reliquia” como são chamados a categoria de música de funkeiros que já morreram ou tem uma forte influência e identidade nas comunidades como: *MC Romeu, Mc Yuri BH, Mc Kevin Mc Rick, Mc Laranjinha*. Esses Mc’s e cantores que têm grande presença em periferias e locais com baixa entrada de capital, o estilo de dança é extremamente característico, e é muito conhecido como *passinhos*, esses são conhecidos por seu jogo de movimentos serem semelhantes ao Hip Hop e dançados em grupos ou individualmente.

- Quando o contexto era mais aberto nas situações de horários vagos de aulas, ou até mesmo, no recreio com as demais turmas, os alunos do 5º ano, que geralmente iam de chinelo para a escola, só precisavam deles (chinelos) para fazer a cena acontecer. Com um par de chinelos de um lado e um par do outro, tinham-se dois gols e um campo improvisado de futebol. O jogo se desenrolava com uma bola murcha, achada pelos cantos, ou, por um acaso, aparecia um material mais conservado que poderia ser uma bola emprestada ou qualquer objeto que elas considerassem que dava para chutar: era o *futebol raiz* praticado na escola. O tempo era curto, mas a alegria era imensa. Às vezes eles estavam em dois ou três, mas isso já era suficiente para brincarem e esquecerem do piso da escola

mal-acabado, quase sempre soltando cimento e com buracos fundos em um piso com concreto mal-feito. Esquecem também do sol quente e dos pés descalços, e ao final quando soava o sinal indicando o final do recreio, corriam para lavar as mãos e o rosto. Pode se considerar esse momento como uma válvula de escape do calor quando as crianças colocavam a cabeça e o pescoço embaixo de uma torneira perto da cantina, se refrescavam, brincavam com a água e conversavam sobre os grandes jogadores de futebol que queriam se tornar, ou, como as partidas de “fut” foram injustas por estarem com um a menos no time, ou que um foi mais desleal que o outro.

- Nesse mesmo contexto de brincar ao ar livre, sem comandos ou materiais, era notável como tudo que estava no espaço era transformado em recurso para os alunos brincarem e se distraírem. Eles escalam as paredes, pulavam os muros como se estivessem vivenciando uma cena de ação de um filme em que eles eram os protagonistas, faziam cambalhotas e trocavam as mãos pelos pés ficando de ponta cabeça com facilidade, saltavam os bancos da cantina e os degraus das escadas como se fossem movimentos simples e sem nenhum risco.

Em decorrência do tempo dedicado às observações desse cotidiano específico avaliamos que os conteúdos e as práticas corporais que trabalharíamos dentro da disciplina Educação Física, seriam: Futebol de rua, Parkour e Dança de Rua/funk. Temos um exemplo claro de que “*crianças que não tem nada, brincam*”. Nessa experiência, quando nos referimos ao futebol clássico consideramos que é aquele que é jogado com pares de chinelo simulando um gol, uma garrafa pet, ou, qualquer coisa que dê para chutar, simulando uma bola. O parkour é aquela prática corporal em que as crianças utilizam apenas o corpo e obstáculos presentes na rua, na escola, e em qualquer lugar que elas imaginem que dá para colocar em risco o limite das capacidades de seus corpos pulando, girando e correndo. A nitidez da dança de rua e do funk é observada na reprodução muito intensa e específica da comunidade. A todo momento elas se movem na batida do funk, cantam, batem palmas no ritmo, constroem versos, e para isso elas precisam apenas de seus próprios corpos ritmados em sincronia.

A pauta dos saberes da rua, foi utilizada como tema para a elaboração de três aulas. O intuito foi relacionar o local onde as crianças vivem com as práticas desses locais, trazendo a cultura das comunidades periféricas para as aulas de Educação Física. Como adição ao nosso planejamento, nossa supervisora, Jamile, nos sugeriu a ideia de levarmos os alunos em uma quadra comunitária, na praça da Biquinha de São João del-Rei, para que os alunos pudessem experienciar as atividades das aulas fora do ambiente escolar.

Pensando nisso, a primeira aula, que ocorreu no dia 22/09/2023, foi desenvolvida com base no Parkour, que está ligado diretamente com o urbanismo, espaços públicos de lazer, o espaço escolar e

o ambiente em que elas vivem. A aula iniciou-se com uma roda de conversa apresentando o esporte para as crianças e valorizando a importância dos espaços públicos de lazer para a inclusão de pessoas empobrecidas ou de baixa renda, e também, de como o Parkour é algo que as crianças reproduzem naturalmente em suas brincadeiras, como por exemplo saltar de lugares altos, fazer “cambalhotas” e “estrelinhas”. Após essa conversa inicial, realizamos três atividades na quadra que fossem apresentadas aos alunos da maneira correta, para que não houvesse riscos de lesões ou acidentes.

A primeira atividade era a realização de uma fila na qual faríamos o rolamento, que no parkour é um elemento utilizado para reduzir os impactos dos saltos e manobras corporais. A pibidiana, Bruna, demonstrou e logo então os alunos foram reproduzindo. Na segunda atividade foi apresentado para as crianças o movimento “tic tac” que é uma manobra muito utilizada em paredes e estruturas retas, houve a demonstração e logo então os alunos reproduziram o movimento. Para a terceira atividade utilizamos o banco retangular e nele foi realizado o movimento, Lazy Vault, outra manobra muito utilizada no esporte. Após essa demonstração os alunos realizaram o movimento com facilidade. Depois das três atividades, o pibidiano, Reinaldo, elaborou um circuito pela quadra com todos os movimentos aprendidos e as crianças reproduziram logo em seguida.

A segunda aula, que foi aplicada no dia 24/11/2023, foi baseada no clássico futebol de rua, que tem como sua principal característica, crianças, adolescentes e pessoas de qualquer idade brincando sem a menor preocupação pelas ruas do Brasil, pois esta prática é marcante em nossa cultura corporal, principalmente nas periferias das cidades. No começo da aula, introduzimos as crianças em uma roda de conversa para falar da importância de brincar na rua, e, que isso, é um direito delas. Nesta aula foram realizadas três atividades: a primeira foi a brincadeira “batata quente” adaptada, ao invés de utilizarmos as mãos para passar a bola, utilizamos os pés; na segunda atividade foi realizada uma dinâmica, onde separamos dois grupos e estes conduziam a bola de mãos dadas em um círculo fechado, com o objetivo de chegar até o final da quadra; já na última atividade realizamos o “clássico” futebol de rua, que é um futebol tradicional, só que ao invés de serem dois gols com traves, os gols seriam feitos com os próprios chinelos dos alunos.

Para a terceira intervenção estava programado para realizarmos uma oficina de Dança de rua/ funk/ hip hop. Assim como o funk que surgiu na periferia dos Estados Unidos, este estilo de dança também tem uma forte presença nas comunidades brasileiras. Sendo assim, planejamos essa oficina da seguinte forma: pensamos em começar trabalhando o espaço, fazendo com que os alunos andassem pelo local em deslocamentos laterais e nos planos altos, médios e baixos. Em seguida, iríamos introduzir a música com a dinâmica do espelho, que seria uma espécie de telefone sem fio da dança. Nessa brincadeira, todos ficariam de costas em uma fila e apenas a pessoa que está atrás do primeiro viraria para ver o movimento de dança que ele mesmo fez, assim o objetivo dessa pessoa seria tentar

reproduzir o movimento que foi mostrado a ela para a pessoa que está atrás na fila e seguindo assim até o final da fila. No final os alunos veriam como que o movimento chegaria na última pessoa, identificando quais foram as mudanças que ocorreram no gesto ao longo da fila. Estava previsto também, uma pequena apresentação de dança em grupo, os alunos iriam se dividir, escolher uma música, criar uma coreografia e apresentar para a turma. Entretanto, gostaríamos de informar que essa atividade não foi realizada, pois, não conseguimos aplicá-la por conta da incongruência de datas. Explicando: nossas aulas estavam previstas para ocorrerem nas sextas-feiras na parte da manhã, mas, durante esse período, houve muitos feriados e paralisações as sextas-feiras, o que nos impossibilitou de aplicarmos o conteúdo de dança.

Enfim, para finalizarmos nosso projeto, levamos as crianças para uma pracinha da cidade de São João del-Rei, no dia 01/12/2023. Nesse encontro ocorreu uma aula com regras para a conduta muito bem estabelecidas, mas que poderiam escolher quais atividades eles iriam realizar. Era o momento de criarem e entrarem um em um consenso entre si de alguma brincadeira que eles propusessem e que gostariam de compartilhar com a turma. Esta etapa final foi significativa para nós, pibidianos e para a professora da escola. Foi importante para nossa experiência na condição de professores em formação inicial e permanente perceber que além do espaço físico da escola pode-se aproveitar espaços comunitários para estabelecer uma relação pedagógica com os alunos. Nessa oportunidade os alunos foram capazes de se organizar e estabelecer um diálogo para que tivéssemos tempo para desfrutar dos jogos de pique-bandeira, queimada e o futebol de rua.

2.2. Desenvolvimento do documentário

Em interface e concomitante ao planejamento e às práticas pedagógicas tínhamos a tarefa de produzir um documentário. Era necessário decidirmos quais seriam os conteúdos dos arquivos, que material selecionar, como iríamos capturar as dinâmicas das aulas, sem que a essência e espontaneidade dos alunos se perdessem, quais materiais utilizar, qual roteiro a ser seguido, quais seriam os detalhes do documentário, as referências e trechos que utilizaríamos para complementar, como incluiríamos os pensamentos, atitudes e a fala das crianças, como as motivaríamos para que se sentissem espontâneas em frente a câmera, se seria possível filmar o rosto das crianças e, por fim, como faríamos para aplicar e gravar a aula simultaneamente.

Tendo em vista as questões e desafios que tínhamos, era necessário esquematizar a maneira mais prática e funcional de filmar e ministrar a aula. Decidimos utilizar um tripé e a câmera de um celular, que ficou disposta a superfície de modo que pudesse captar todos os momentos desejados da aula. Durante o desenvolvimento das aulas, ora, um professor gravava os alunos enquanto o outro aplicava o conteúdo e, ora, as funções eram trocadas, assim teríamos duas visões, tanto com as

câmeras, quanto o registro de nossa atuação no trabalho docente. Ao final da aula, ou também durante as aulas, os alunos eram questionados em uma série de questões com as quais tínhamos o objetivo de impulsionar os alunos a falar um pouco mais sobre si, e qual era a visão deles a respeito do cotidiano escolar e a visão de mundo em geral. Por exemplo, fazer perguntas do tipo: “nome/idade/onde mora?”, “o que você mais gosta de brincar?”, “para onde você gostaria de viajar?”, “você brinca na rua? se sim, de que?”, “do que você mais gosta na escola?”, dentre outras diversas perguntas.

Como exemplo, perguntamos a aluna Giovana, o que ela gostaria de falar, se tivesse o poder de mudar o mundo com a sua fala:

Eu falaria para eles, para eles cuidar do meio ambiente, por causa que o meio ambiente é tipo a base do planeta terra... Por causa que tudo que a gente come vem dele, vem das plantas, das árvores, as frutas vem, então por isso que eu falo para eles cuidar. A água ajuda a gente a molhar, a regar as plantas que nem ali (aponta para um espaço da escola onde tem plantas), a couve, a couve faz parte do meio ambiente. É muito importante que eles cuidem e preservem também.

No processo de execução das aulas, a percepção do olhar de quem filma estava se desenvolvendo e quando a prática já havia sido concluída iniciou-se o momento, para nós, bolsistas do PIBID 2022/2024, de brincar com a edição das imagens, de criar e produzir uma mensagem ilustrada por uma musicalidade para que os telespectadores, que incluem as crianças, também sintam o drama e a beleza que foi produzir e vivenciar o processo de aprendizado tanto dos alunos quanto de nós, professores.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma prática a se destacar durante a vigência do Pibid ocorreu dentro da Universidade. Ressalta-se a importância dos encontros realizados pelo professor, Ricardo Ducatti Colpas, as sextas-feiras, no Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Práticas Pedagógicas em Educação Física. (LAPIN). Estes eram pontos de encontro entre todos os alunos e os professores do projeto. Estes encontros contribuíram imensamente para o desenvolvimento das aulas, planejamento, construção de ideias, críticas construtivas e debates, era um momento de avaliações e trocas sobre os planejamentos e andamentos das intervenções pedagógicas que estavam sob responsabilidade dos pibidianos e das professoras supervisoras.

Ao finalizar esse projeto, percebemos que aquilo que começamos era o início de um grande trabalho que pode ganhar outras vertentes, se expandir e migrar para outras disciplinas escolares. Tendo em vista que a educação geral é uma troca, onde tanto nós professores, quanto os alunos, temos que ser participantes ativos na sala de aula, não consumidores passivos, todos podem contribuir o tempo todo para um ensino dialogado e partilhado.

No final tudo que foi realizado teve um propósito: fundir as realidades rua e escola para que fique nítido que a escola também é um espaço em que as crianças se sintam à vontade para ser quem realmente são e possam desfrutar de sua infância e se desenvolver, juntando e compartilhando seus saberes. (Disponibilizamos o documentário na plataforma Youtube, pequenas vozes e grandes sonhos: cultivando os saberes da rua na escola)

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão a todos aqueles que tornaram possível a realização deste trabalho principalmente aos alunos do quinto ano do ensino fundamental da Escola Estadual Professor Iago Pimentel.

REFERÊNCIAS

- COSTA, B. **Pequenas vozes e grandes sonhos: cultivando os saberes da rua na escola.** YouTube, 2024. Disponível em: Pequenas vozes e grandes sonhos: cultivando os saberes da rua na escola (youtube.com).
- CARVALHO, V. D. Educação física em três tempos. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 23, n. 242, p. 128-139, 2023.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física.** Scipione, 1989. 224p.
- FURTADO, R. S. Contribuições de Paulo Freire para a Educação Física escolar. **Revista Educação Popular**, v. 22, n. 1, p. 150-170, 2023.
- HOOKS, BELL. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2013. 286p.
- MALDONADO, D. T. **Educação física escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo.** CRV, 2019, 282p.
- VAGO, T. M. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 1, p. 25-42, 2009.